



O Mosteiro do Ermelo, Arcos de Valdevez. Uma perspectiva de estudo

Sandra Nogueira*

Palavras-chave

Igreja e mosteiro de Ermelo; Ordem de Cister; arquitectura

Keywords

Church and Monastery of Ermelo; Cistercian Order; architecture

Resumo

No contexto de trabalhos de valorização da envolvente da Igreja e Ruínas do Mosteiro do Ermelo (Arcos de Valdevez, Viana do Castelo), coordenamos entre Dezembro de 2007 e Fevereiro de 2008 uma intervenção arqueológica na área, conseguindo assim obter uma série de elementos sobre as características do edifício da igreja e das ruínas do antigo mosteiro.

A necessidade de contextualizar os achados e de compreender o impacto do mosteiro na organização do espaço e da comunidade envolvente, exigiu o cruzamento e a análise de documentação medieval e moderna que persistiu sobre o mosteiro e a igreja do Ermelo.

O promotor do projecto foi a Câmara Municipal de Arcos de Valdevez, ficando a execução dos trabalhos arqueológicos a cargo da Archeo'Estudos, Lda., com o apoio logístico local pela Paróquia de Santa Maria de Ermelo e Junta de Freguesia.

Abstract

In the context of recovery works at the Church and Monastery Ruins of Ermelo (Arcos de Valdevez, Viana do Castelo), we coordinate between December 2007 and February 2008 an archaeological intervention, obtaining a series of elements regarding the characteristics of the ancient religious complex. The need to contextualize the findings and to understand the impact of the monastery on the organization of space and the surrounding community, required the crossing and analysis of medieval and modern documentation that persisted about the monastery and church of Ermelo. The project sponsor was the district of Arcos de Valdevez, leaving the archaeological work at the expense of Archeo'Estudos, Ltd., with the local logistic support by Santa Maria de Ermelo Parish and Junta de Freguesia.

* Arqueóloga (scsnog@gmail.com)

1. Introdução

A Igreja do Mosteiro de Ermelo é uma construção românica, do século XII, de traça arquitectónica típica do modelo da arquitectura cisterciense, contudo possui características do Românico de Tui. (Almeida, 1971:89)

As ruínas do Mosteiro e Igreja do Ermelo estão classificadas como Monumento Nacional, pelo decreto n.º129/77, DR 226 de 29 de Setembro de 1977.

Porque se trata de imóvel classificado possui medidas específicas de protecção aquando de qualquer intervenção no seu perímetro. Logo, no contexto da empreitada de valorização da envolvente do conjunto monástico, foi determinada pela tutela a execução de trabalhos arqueológicos prévios, no sentido de obter dados que ajudassem a avaliar o impacte arqueológico da obra prevista.

Esta intervenção, prévia ao início das obras, foi dirigida pela signatária e contou com o acompanhamento dos trabalhos por parte do Dr. Nuno Soares, arqueólogo da autarquia de Arcos de Valdevez. Foi planificada estrategicamente a abertura de 8 sondagens, em locais onde se iriam executar revolvimentos de terras, para posterior colocação de infra-estruturas¹.

2. Contextualização

Não se conhece a data real da fundação deste mosteiro, embora por tradição se associe a mesma à rainha D. Teresa, mãe de D. Afonso Henriques, o que já é referido nas Inquirições de D. Afonso II (1220) e D. Afonso III (1258).

Inicialmente terá sido fundado na freguesia vizinha de Ermelo, S. Pedro do Vale, sendo posteriormente transferida para o seu local actual.

Aquando da sua construção seguia a Regra Beneditina, tendo adoptado já no século XIII a regra cisterciense.

Contudo, há autores que defendem que a fundação deste mosteiro se ficou a dever ao Mosteiro de Fiães, em Melgaço, também da Ordem de Cister, tornando-se mesmo o único mosteiro cisterciense, em Portugal, a fundar um novo mosteiro. (Cocheril, 1963:292). Em pesquisa ao fundo do Mosteiro de Fiães, existente na Torre do Tombo, foi possível consultar uma lista de títulos de correspondência trocada entre este mosteiro e o de Ermelo, na qual este reivindica a filiação que possui a Fiães².

O conjunto monacal terá tido benefícios por parte dos reis D. Afonso II e D. Afonso III, tendo sido contemplado com dinheiro nos seus testamentos.

As Inquirições de 1220, referem também que o mosteiro de Ermelo possuía casais em várias freguesias circundantes, como em Vila Chã e S. Martinho de Britelo, o que originava rendimentos suficientes para a autosubsistência da comunidade, sendo umas das características principais defendida pela Ordem de Cister. Isto explica o projecto grandioso de construção, de uma igreja de três naves e duas capelas laterais, iniciado pelos cistercienses.

Com a crise generalizada que se viveu no século XIV, a própria vida do mosteiro ressentiu-se, sendo que em 1388 o Abade Frei João Martins pede ao rei D. João I para que doe o padroado das igrejas de Soajo e Britelo ao mosteiro de Ermelo. O que o rei assentiu. No entanto, mesmo com esta doação o mosteiro continuava com dificuldades de manutenção (Andrade, 2000:108-110).

Assim, em Novembro de 1441 a igreja do mosteiro de Ermelo é reduzida a igreja paroquial, devido aos seus poucos rendimentos.

¹ A equipa foi constituída por seis elementos divididos entre arqueólogos, assistentes e técnicos de arqueologia, cuja coordenação ficou a nosso cargo.

² Desconhece-se o paradeiro dessas cartas, o que já é referido nesse documento de 1619.



Figura 1. Perspectiva geral da Igreja do Mosteiro de Ermelo (Oeste-Este).

Em 1533 o Abade Geral da ordem de Cister, D. Edmundo, abade de Claraval, fez uma visita ao mosteiro de Ermelo, encontrando a Igreja e as oficinas regulares muito danificados, sem condições para um único monge.

O Cardeal D. Henrique, em 1560, suprimiu os pequenos mosteiros, que davam despesas e já não recrutavam monges, como o de Ermelo. Contudo o comendatário do Ermelo, João de Mendonça, só desistiu do mosteiro em favor de Alcobaça em 1581.

Após a sua supressão os bens do Mosteiro de Ermelo foram anexados ao colégio universitário de S. Bernardo de Coimbra, juntamente com os dos mosteiros de Tomar e Estrela, que também não possuíam rendimentos (Costa, 1981).

A falta de reparações da igreja, principalmente pelo desinteresse por parte dos comendatários e curadores, abades de S. Pedro do Vale, pois Ermelo ficou anexa desta igreja, levou a que esta ficasse em ruínas. O estado em que se encontrava terá levado o visitador do Arcebispado de Braga, Dr. Marcelino Pereira Cleto, Abade de S. Miguel de Entre Ambos os Rios, na visita realizada a 10 de Setembro de 1754, a sugerir obras de



Figura 2. Planta da implantação das sondagens arqueológicas na envolvente da Igreja e ruínas do Mosteiro de Ermelo.

reparação ou redução do seu tamanho para melhor receber o culto divino. Assim, em 1760 as obras estavam terminadas, ficando então reduzido o corpo da igreja de três naves para uma. Procedeu-se ainda à demolição das capelas laterais e aproveitamento do espaço da capela do lado Norte para sacristia.

Também desta época data a construção da primitiva Casa Paroquial.

No século XIX é construída a Torre Sineira, que observamos na fachada Norte da Igreja.

No século XX a extinta DGEMN promoveu alguns restauros na igreja, nomeadamente nos pavimentos e telhado.

O que actualmente observamos ao contemplar o edifício da igreja de Ermelo, será uma construção românica com uma série de intervenções associadas: a 1.ª, na Idade Média, promovida pelos beneditinos, presente essencialmente em alguns motivos escultóricos que se identificam na capela-mor; a 2.ª, também na Idade Média, quando os monges cistercienses conceberam e iniciaram um projecto construtivo de grande envergadura, típico do modelo Bernardino; a 3.ª intervenção terá sido executada no séc. XVIII quando se promoveu as obras de redução da igreja e demolição das capelas, bem como o aproveitamento da capela Norte para sacristia e finalmente uma 4.ª intervenção no séc. XIX com a construção da Torre Sineira, na fachada Norte da Igreja.

3. Objectivos e metodologia

A intervenção teve como objectivos principais o estudo estratigráfico e a identificação de vestígios arqueológicos no espaço a valorizar.

Após a realização das sondagens de avaliação e como medida de minimização dos impactes da obra, preconizou-se o acompanhamento arqueológico de todos os trabalhos de revolvimentos de terras e demolição de muros³.



Figura 3. Igreja de Ermelo e Torre Sineira – alçado Norte.



Figura 4. Igreja de Ermelo – alçado Oeste e Sul.

A metodologia utilizada na intervenção arqueológica baseou-se na *Matriz de Harris* de Unidades Estratigráficas, através da decapagem por camadas por ordem inversa à sua deposição, às quais foi atribuída uma ficha de Unidade Estratigráfica, que por sua vez se encontra associada a uma ficha de espólio. Os perfis e os planos foram desenhados à escala 1:20, procedendo-se ainda ao registo sistemático dos trabalhos arqueológicos em fotografia.

O espólio encontrado, referenciado em relação à Sondagem e Unidade Estratigráfica, foi alvo de tratamento preliminar, inventário e classificação.

³ O acompanhamento arqueológico verificou-se de forma intermitente entre Fevereiro e Maio de 2008 e foi igualmente assegurado pela signatária.



Figura 5. Igreja de Ermelo – pormenor alçado Sul.

4. Sondagens arqueológicas

As oito sondagens abertas foram implantadas tendo em conta a localização das infra-estruturas que seriam colocadas, no âmbito das obras de requalificação do espaço envolvente das ruínas do mosteiro e da Igreja do Ermelo.

4.1. Sondagem 1

Com uma área total de 4m², a Sondagem 1 foi implantada na área a Sudoeste da Igreja do Ermelo, imediatamente à frente do acesso ao Adro da Igreja e ao terreiro que liga às casas e campos no nível inferior ao da Igreja.

Esta sondagem encontra-se muito próxima de um local onde passava uma linha de água vinda da direcção do cimo do monte, e que aqui se dirigia para a zona da parede das arcadas do antigo mosteiro, sendo aí desviada para as terras de cultivo que se localizam no terreiro inferior

Pela disposição das camadas e pelo facto do solo geológico estar a cerca de 80/90cm de profundidade, bem como o espólio ser



Figura 6. Área do Claustro antes das obras de requalificação.

muito variado e de cronologia moderna/contemporânea parece tratar-se de um espaço aterrado ao longo dos tempos.

4.2. Sondagem 2

Com uma área total de 4m², a Sondagem 2 foi implantada na área a Sudoeste da Igreja do Ermelo, junto ao acesso da casa particular que se encontra no centro do terreiro inferior ao adro da Igreja.

Pela disposição das camadas e pelo facto do solo geológico estar a cerca de 50/60cm de profundidade, parece tratar-se de um espaço aterrado à semelhança da sondagem 1, observando-se camadas com inclusões de material de construção e algum lixo, talvez proveniente da edificação da casa, de cronologia moderna/contemporânea

4.3. Sondagem 3

Com uma área total de 6m², a Sondagem 3 foi implantada na área a Sudoeste da Igreja do Ermelo, no término do terreiro inferior ao adro da Igreja, em frente a um edifício em ruínas.

A caracterização da sua sequência estratigráfica é em tudo idêntica às sondagens anteriores, estando o solo geológico a cerca de 80/100cm de profundidade



Figura 7. Implantação das sondagens no terreiro inferior.

4.4. Sondagem 4

Com uma área total de 4m², a Sondagem 4 foi implantada a Sudeste da Igreja do Ermelo, no espaço junto às ruínas dos arcos do mosteiro.

Esta sondagem atingiu uma profundidade de cerca de 2m. A estratigrafia revelou-se de aterro e também de revolvimento, devido à presença de um tubo de água, paralelo ao corte Este e de dois interfaces de forma arredondada, abertos na UE.413, uma localizada no centro da sondagem – UE.412 e outra junto à junção dos cortes Norte e Oeste - UE.411. O espólio recolhido e as dimensões dos interfaces, não são elucidativos quanto à sua funcionalidade. Os materiais associados, embora muito misturados devido aos revolvimentos, revelam cerâmica comum tipo Prado, de cronologia dos séculos XIII e XIV.

4.5. Sondagem 5

A Sondagem 5 foi implantada na área a Sudeste da Igreja do Ermelo, no espaço junto às ruínas dos arcos do mosteiro. A sondagem teve uma área total de 3,5m² e estava encostada ao canto Sudeste da casa de habitação do centro do terreiro. Não foi escavada até à rocha base por questões de segurança chegando a uma potência estratigráfica de cerca de 1,30m de profundidade.

A estratigrafia apresentava características de revolvimento, devido à presença de um tubo de água, que seguia no sentido nordeste - sudoeste, atravessando o espaço da sondagem e por se encontrar muito próxima da vala de fundação para a construção da casa acima citada, bem como de aterro, com pedras de grande dimensão recolhidas no centro da sondagem e inclusões frequentes de material de construção. Também se poderá explicar o revolvimento do solo pela existência de uma fossa que se encontra a cerca de 1m para Norte desta sondagem (detectada em contexto de acompanhamento de obra).

4.6. Sondagem 6

A Sondagem 6 foi implantada paralelamente a quase toda a área da fachada exterior Sul da Igreja do Ermelo, desde o canto Sudoeste do edifício até cerca de 22 m para Este, à excepção de um espaço de 3m de comprimento, em frente à porta de Sul de acesso à igreja. Possuía uma área total de 39,60m².

Esta sondagem, assim como as restantes em torno da igreja, não foram escavadas até à rocha base, mas sim até à cota prevista no projecto para as obras de requalificação do espaço, ou seja de cerca de 80cm de profundidade. Esta opção foi ainda justificada por na envolvimento mais directa da igreja, os trabalhos arqueológicos terem identificado o nível de enterramentos do séc. XX, cuja existência tinha sido já referida pela população local. Tendo em consideração o impacto social deste tipo de intervenção assim como razões de saúde pública, a escavação arqueológica restringiu-se ao registo do nível estratigráfico correspondente à deposição dos

enterramentos (já em caixão), não tendo assim sido intervencionada qualquer sepultura. Este nível foi isolado com geotêxtil, garantindo-se que as infraestruturas implantadas não o afectaram.

Para facilitar o registo gráfico e fotográfico, bem como a separação do espólio arqueológico e dado o longo comprimento da sondagem, optou-se por dividir a Sondagem 6 em lado Oeste (espaço a Oeste da porta de acesso Sul da Igreja) e lado Este (espaço a Este da porta Sul de acesso à igreja).

Lado Oeste

Após levantamento do piso em cimento, junto ao canto Sudoeste do edifício da Igreja, observou-se um alinhamento de pedras com sentido Sul – Norte, que associamos ao alicerce da Igreja medieval.

No espaço de sondagem que medeia a estrutura medieval e área não escavada, em frente à entrada Sul da Igreja, a estratigrafia observada caracteriza-se por revolvimentos associados aos enterramentos que se fizeram no adro da Igreja até, pelo menos, 1915, ano de que data o cemitério civil, construído junto ao acesso Sul da aldeia.

Deste lado da sondagem foram detectadas quatro sepulturas em caixão e uma em vala, sem caixão, tanto com orientação S-N como com orientação O-E.

Conforme já referido, nenhuma destas sepulturas foi levantada.

Também o espólio se mostrou em pouca quantidade e muito variado em termos cronológicos, permanecendo em maioria o de cronologia contemporânea, associados às sepulturas encontradas.

Lado Este

Neste lado escavou-se cerca de 11m. Revelaram-se sedimentos com características de revolvimento, devido não só a enterramentos como à colocação e manutenção de infra-estruturas.

Das sepulturas detectadas, cinco são em caixão e uma em vala. Tanto apresentam orientação O-E como N-S, e parecem ter pertencido a crianças ou adolescentes, pois o seu tamanho é reduzido.

Pela cota atingida não nos foi possível detectar o arranque ou alicerce do lado Este da capela lateral Sul.

O espólio mostrou-se em pouca quantidade e muito variado em termos cronológicos, permanecendo em maioria o de cronologia contemporânea, associado às sepulturas encontradas.

4.6.1. Sondagem 6 – Alargamento

Em virtude de se ter detectado, durante a escavação da Sondagem 6, o que restava do alicerce e fachadas Oeste e Sul da Igreja Medieval, foi decidido com a tutela e a Câmara Municipal de Arcos de Valdevez o alargamento, da Sondagem 6, para Oeste em 1,20m para Sul em 1m e para Este em 1m, de forma a detectar-se a maior continuidade possível da estrutura pétrea e também a sua vala de fundação.

Durante a escavação do alargamento, do lado Oeste da estrutura medieval detectou-se o alicerce do muro do adro da igreja, bem como um enterramento em caixão e quatro sepulturas em vala, duas de criança, e outras duas que não foram escavadas, pois prolongavam-se para o Corte Oeste.

Já do lado Este da mesma estrutura observaram-se duas sepulturas escavadas na rocha, uma (UE.699) já tinha sido superficialmente detectada durante os trabalhos de escavação da Sondagem 6.

Foram escavadas, na totalidade, deste alargamento, 36 unidades estratigráficas até se atingir um sedimento de matriz argilosa, revelando-se uma estratigrafia bastante revolvida, devido, essencialmente, à presença de enterramentos e ao facto de muito próximo do local ter existido um cipreste, o que se confirmou pelo visionamento de fotografias antigas do espaço.

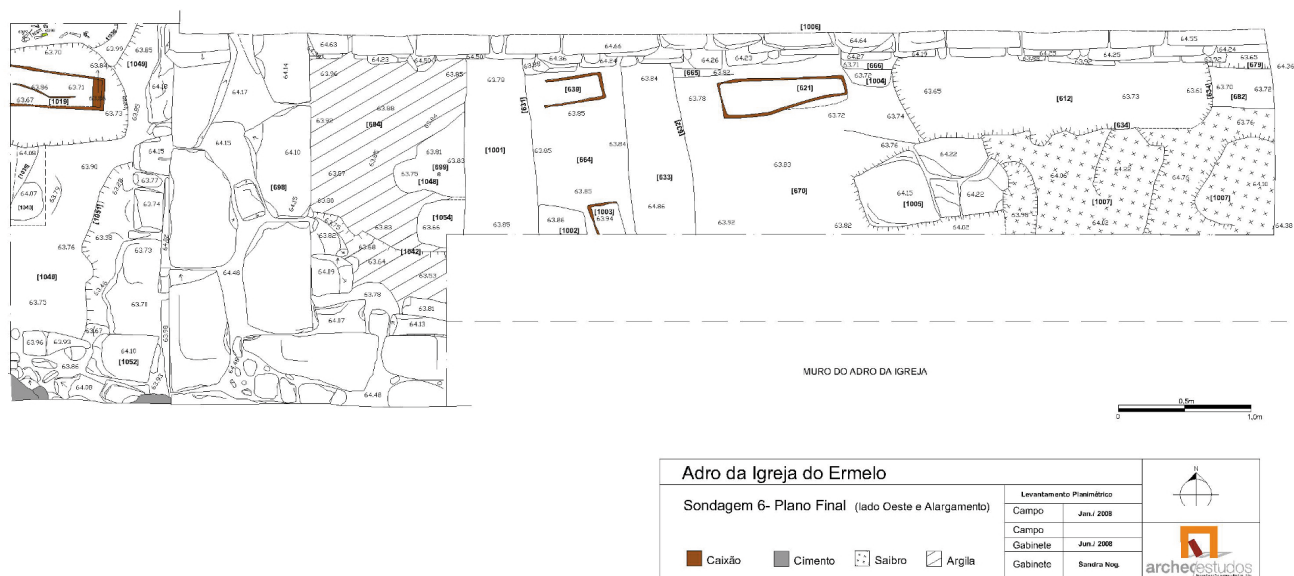




Figura 13. Sondagem 6 Este - Aspecto dos enchimentos das sepulturas.

Figura 14. Sondagem 6 Este – Aspecto dos enchimentos das sepulturas.

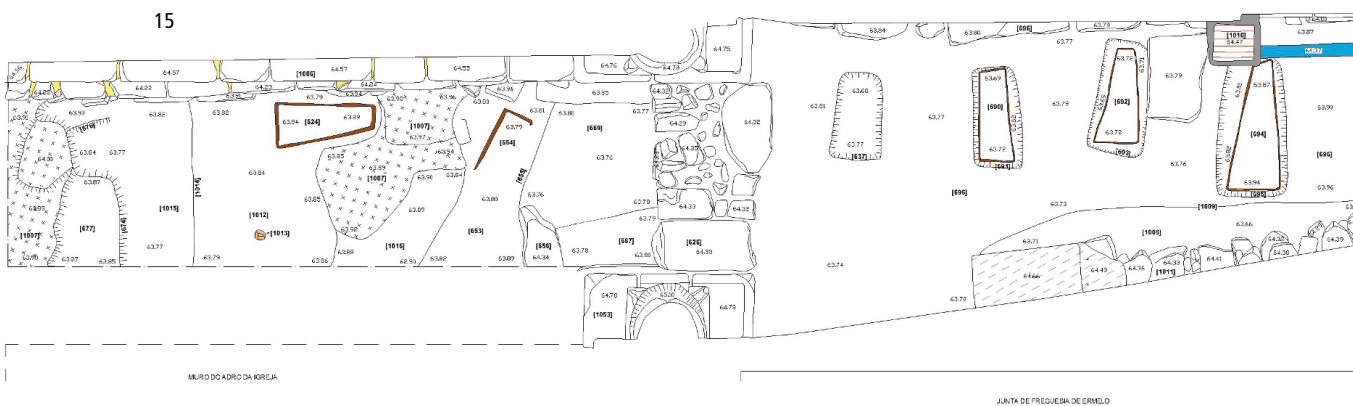


Figura 15. Sondagem 6 – Lado Este – Plano Final

Adro da Igreja do Ermelo		Levantamento Planimétrico	
Sondagem 6- Plano Final (lado Este)		Campo	Jan/2006
		Campo	Rui Alberto
		Gabinete	Jun/2008
		Gabinete	Sandra Nogueira



Figura 16. Sondagem 6 Oeste - Alargamento – Alicerce da Igreja Medieval.



Figura 17. Sondagem 6 Oeste - Alargamento – vala de fundação do alicerce da Igreja Medieval.

O espólio recolhido revelou-se muito variado e de várias cronologias, embora predomine o de cronologia moderna/contemporânea, associado aos enterramentos aí presentes. Contudo, nas camadas mais homogêneas e antigas, recolheram-se alguns fragmentos de cerâmica comum de cronologia romana tardia ou Alta idade média, de tradição local.

Confirmou-se a profundidade e continuidade do alicerce das fachadas Sul e Oeste da Igreja Medieval, bem como a sua vala de fundação, embora não tenha sido recolhido espólio que ajude a datar, de forma segura, a construção da Igreja Medieval. O alicerce é composto por pedras de tamanho grande e médio, alinhadas de forma a nivelar o terreno. Possui um silhar siglado. Com uma sigla. Os arranques de paredes ou fachadas Oeste e Sul da Igreja Medieval eram compostos por silhares de tamanho médio e grande, possuindo um deles, gravada uma cruz, tal como se percebe no desenho do Alçado Este da igreja.

4.7. Sondagem 7

A Sondagem 7 foi implantada encostada à fachada Este da Igreja do Ermelo e possuía uma área total de 5,66m².

Tal como a Sondagem 6, esta não foi escavada até à rocha base, mas sim até à cota prevista no projecto, ou seja de cerca de 80cm de profundidade

A estratigrafia apresentava características de revolvimento, devido à presença de dois tubos de água (um deles activo e outro inactivo, que atravessavam o espaço da sondagem) e pela existência de vários enterramentos

Nesta sondagem foram detectadas três sepulturas, duas em caixão e da terceira apenas se detectou o enchimento, pois encontrava-se sob o corte Este. A sepultura correspondente às UEs 710 e 711 encontrava-se encaixada no corte Sul. Todas elas aparentavam ter a orientação Norte-Sul.

O espólio associado a esta sondagem é predominantemente de cronologia moderna/contemporânea, mas em pouca quantidade.

4.8. Sondagem 8

Esta sondagem localiza-se encostada à fachada Norte da Igreja, implantada de modo a observar-se o alicerce da Torre Sineira e o alicerce da Igreja Medieval. Possuía uma área total de 7,94m².

O solo de base, saibro desagregado, de granulometria grossa, foi detectado em grande parte do espaço da sondagem imediatamente sob o piso de cimento, tendo sido escavado para os enterramentos.



Figura 18. Sondagem 7 - U.E. 714.



Figura 19. Sondagem 8 - Plano final.



Figura 20. Sondagem 8 - Deposição secundária.

Observaram-se três sepulturas em caixão, duas de adulto, com orientação Norte - Sul e uma de criança, com orientação Oeste-Este, sobre a qual se encontrava uma deposição secundária pertencente a um mesmo indivíduo. Este contexto foi intervencionado pela antropóloga Teresa Ferreira, e correspondente a oito peças ósseas⁴ de um indivíduo adulto do sexo masculino, robusto, com uma estatura próxima dos 159cm e uma idade à morte entre os 30 e os 50 anos. Como patologias foram identificadas artrose, entesopatias e perda de dentes, bem como assimetria craniana, resultante de subnutrição ou doenças infecciosas durante o crescimento, infecções nos ouvidos e ainda um processo inflamatório que afectou os ossos das pernas e o braço esquerdo (Ferreira, 2008:9).

O espólio recolhido seria muito variado devido ao grande revolvimento provocado pelos enterramentos presentes e de cronologia moderna/contemporânea.

Com a escavação desta sondagem foi, também, possível observar as diferentes características arquitectónicas dos alicerces da igreja medieval e da torre sineira, construída no séc. XIX. Assim, o alicerce da igreja medieval possui um embasamento com dois ou três ressaltos que avança para um pano de boa cantaria, com paredes espessas, composto por silhares esquadrados montados em fiadas horizontais, formando um aparelho pseudo-isodomo.

A torre sineira ou campanário possui dois andares, sendo o primeiro composto por um aparelho regular de silhares de tamanho e formas variadas. O segundo andar é composto por um pano de paredes com dois arcos de volta perfeita sobre imposta saliente e onde se podem ver os sinos. Sobre estes arcos apoia-se um entablamento coroado por um frontão com três pináculos, um no centro e dois nas extremidades (Brás, 2009).

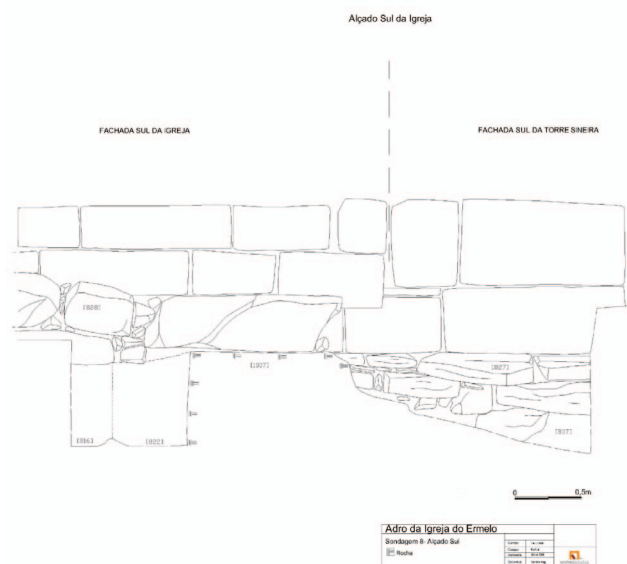


Figura 21. Sondagem 8 – Alçado Sul da Igreja.

⁴ Ossos longos, crânio e ilíacos.

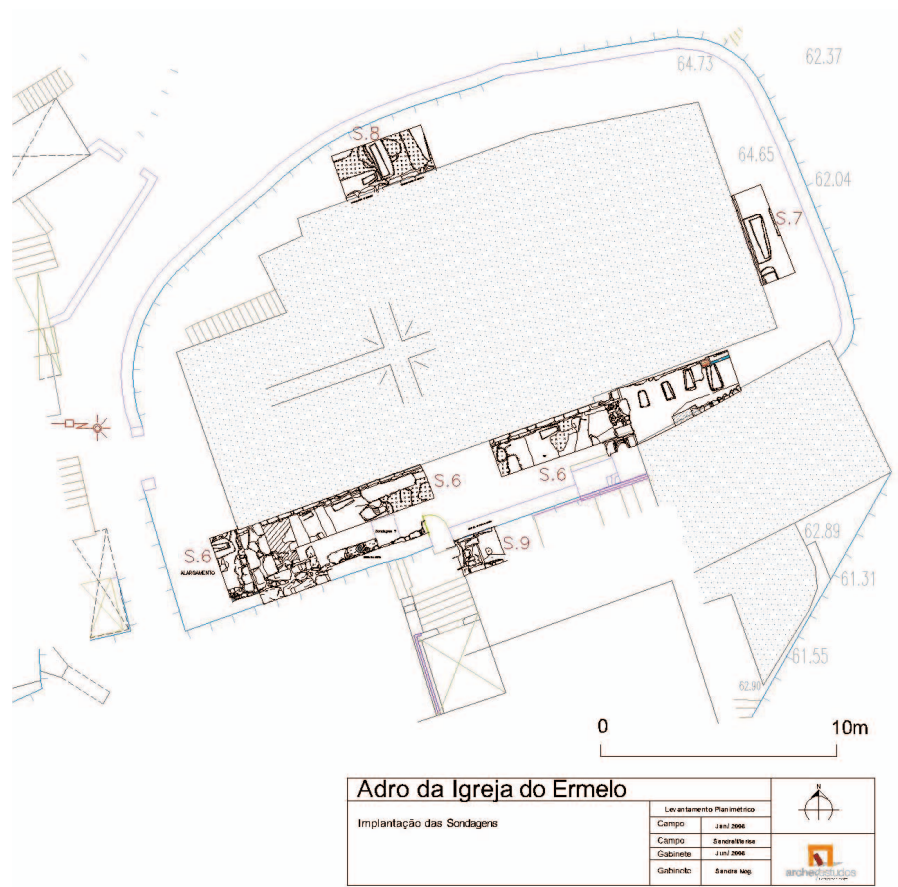


Figura 22. Implantação das sondagens no adro.

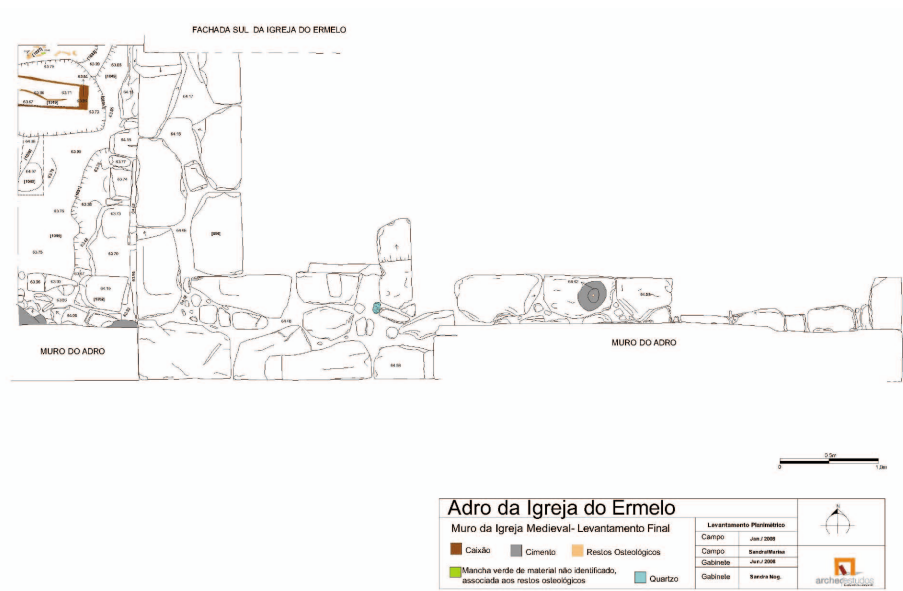


Figura 23. Plano alicerce da Igreja Medieval.



Figura 24. Trabalhos de requalificação – alicerce da Igreja Medieval.

5. Acompanhamento arqueológico

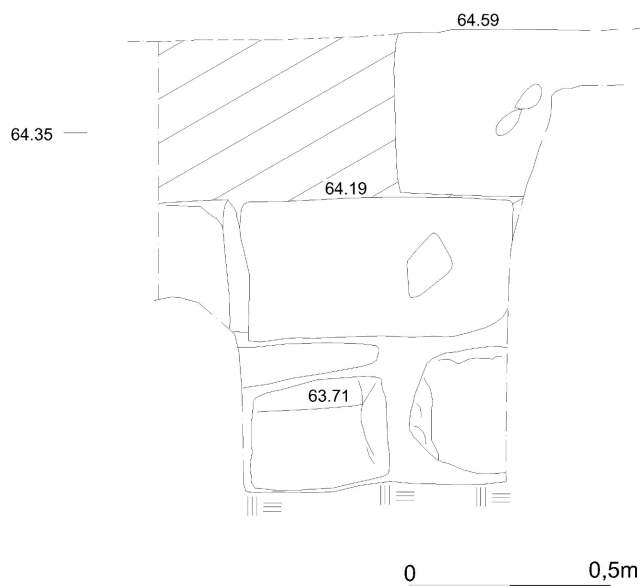
Após a realização das sondagens arqueológicas e como medida de minimização dos impactes das obras de requalificação do espaço envolvente à Igreja e do mosteiro de Ermelo, foi determinado o acompanhamento arqueológico de todos os trabalhos de revolvimentos de terras e demolição de muros.

Os trabalhos iniciaram-se com levantamento do pavimento de cimento no adro da Igreja, nos locais onde ainda prevalecia. Do lado Sul da Igreja, imediatamente sob o piso e camada de assentamento deste observou-se o que ainda resta do alicerce da fachada Sul da igreja medieval.

5.1. Desmante do muro que ladeia o Adro da igreja

Acompanhou-se o desmante do muro do Adro da Igreja, no pano frente à fachada Oeste da Igreja, de cerca de 11,50m de comprimento e no pano em frente à fachada Sul da Igreja, de cerca de 6m de comprimento.

Parede Interior Sul da Igreja Medieval



Adro da Igreja do Ermelo/ 08- Acompanhamento			
Sondagem 9- Parede Interior Sul do Muro Medieval			
Campo	Per/2008		
Campo	Sonora/Pada		
Quilómetros	Jar/2008		
Quilómetros	Sonora/Prop.		

Figura 25. Sondagem 8 – Alçado Sul da Igreja.

O desmante destes panos de muro deu-se em duas fases. Na primeira, tanto do lado Oeste como do Sul, retiraram-se as três fiadas superiores, detectando-se o alicerce da igreja medieval, do lado sul, o que fez parar o desmante. A segunda fase, realizou-se só do lado Oeste, procedendo-se ao desmante total do muro que restava, para aí poder assentar um novo muro, em betão, onde culminaram os degraus de tipo anfiteatro que dão para o terreiro inferior a Sul da igreja.

5.2. Sondagem 9 (Adro da igreja)

Na abertura desta sondagem (ver planta da Fig.22), realizada no âmbito do acompanhamento para avaliar uma possível passagem de um dreno sob muro do Adro, confirmou-se a continuidade do muro medieval para Este. Dentro do espólio encontrado recolheu-se um fragmento de cerâmica cinzenta, com cerne cinza claro, de



Figura 26. Possível alinhamento do claustro.

pasta depurada, mas muito boleada, que parece corresponder a uma peça de cronologia romana tardia, de tradição indígena da Alta Idade Média.

5.3. Alicerce do claustro

Quando se procedia ao levantamento dos degraus de acesso aos lavabos da Junta de Freguesia e à entrada Norte da Casa Paroquial, para rebaixamento e posterior colocação de lajeado de granito, observou-se um alinhamento de pedras de tamanho médio e grande, algumas faceadas, com sentido Sul-Norte, junto ao degrau de acesso à porta Sul da Igreja (ver planta da Fig.22).

Foram realizados trabalhos de limpeza e registo gráfico e fotográfico. Este alinhamento poderá corresponder ao alicerce da parede do claustro medieval, que ligaria a Igreja à zona regular do mosteiro.

6. Considerações finais

A realização de sondagens arqueológicas e acompanhamento dos trabalhos de reabilitação e valorização da envolvente da Igreja e ruínas do Mosteiro do Ermelo permitiu, não só, confirmar que a vivência do conjunto monástico terá sido de curta duração, mas também constatar que toda a envolvente aos edifícios foi durante muitos séculos revolvida e desvirtualizada

Nas sondagens 1, 2 e 3, realizadas no terreiro inferior a Sul da igreja, a estratigrafia detectada foi de revolvimento devido a construção da casa aí existente e também de aterro. Este espaço ainda no século passado era utilizado para juntar o gado bovino e caprino.

A Sondagem 4, realizada próximo do que resta do claustro do edifício regular, revelou camadas de aterro, e foram também detectados dois interfaces de forma circular a uma cota inferior, não se percebendo a sua finalidade. Foi a sondagem que revelou espólio mais homogéneo.

A Sondagem 5, realizada junto ao canto Sudoeste da casa particular do centro do terreiro inferior, revelou revolvimentos devido à construção da casa e de infra-estruturas.

Durante o acompanhamento arqueológico, este espaço pouco mais revelou, apenas se percebeu, com mais certeza, a continuidade da parede das arcadas do claustro para Norte.

No adro da Igreja, as Sondagens 6, 7 e 8, bem como o alargamento da Sondagem 6, revelaram uma estratigrafia revolvida, devido ao número considerável de sepulturas aí encontradas. Foram detectadas 19 sepulturas, 15 em caixão e 4 sem caixão.

Todas as inumações em caixão foram registadas mas não escavadas, pois encontravam-se abaixo da cota da obra, não sendo por isso afectadas.

Os registos paroquiais, fornecidos pelo Padre Belmiro Amorim, referiam enterramentos no Adro da Igreja pelo menos até 1915, ano da construção do cemitério que se encontra

na entrada Sul da aldeia, ou seja os últimos enterramentos foram realizados já no século XX. Pela avaliação antropológica a deposição secundária da Sondagem 8 apontava para um enterramento pouco antigo.

Na Sondagem 6, respectivo alargamento e posterior acompanhamento, também se observou o alicerce e arranque das fachadas Oeste e Sul da Igreja Medieval Cisterciense. Assim, confirmou-se que o alicerce medieval seguia para Este no sentido do pórtico da capela que aí terá existido de acordo com o projecto original da igreja. Não sendo possível manter esta estrutura visível, por incompatibilidade de cotas, procedeu-se à sua protecção com geotêxtil e sedimento, assegurando a sua preservação.

Durante os trabalhos de levantamento dos degraus de acesso aos lavabos da Junta de Freguesia e Casa Paroquial observou-se um alicerce, que poderá corresponder à parede do claustro que tem continuidade para Sul, passando pelo interior da Casa Paroquial e culminando nas arcadas que restam mais a Sul.

As ruínas do mosteiro merecem um estudo mais atento e assim sendo encontramos-nos a preparar uma segunda intervenção arqueológica, junto às arcadas ainda visíveis, com o objectivo de tentar perceber se foram construídas as divisões da ala Este, como a sala dos monges e calefactório.

7. Bibliografia

Documentos Manuscritos

Fundo de Santa Maria de Fiães, Maço 5, caixa 14

Estudos

- ALMEIDA, C. A. F. (1971) - Primeiras Impressões sobre a Arquitectura Românica de Entre-Douro-e-Minho. *Revista da Faculdade de Letras*. Vol.II. Porto, p.65-116
- ANDRADE, A. A., Coord. (2000) - *Valdevez Medieval, Documentos 1300- 1479*. Vol.II. Arcos de Valdevez, p.108-110
- BRÁS, A.M. S., (2009) - *A Igreja e o Mosteiro de Ermelo – Património Cisterciense esquecido no tempo*. Faculdade de Teologia. Braga: Universidade Católica
- COCHERIL, M., (1963) - *Les Abbayes Cisterciennes Portugaises do XII siècle*. In Actas do Congresso Histórico de Portugal Mediovo, *Bracara Augusta*. Vol. XIV-XV. Tomo I. Jan.- Dez 1963. N.º 1 e 2 (49-50). Braga, p.281-300
- COSTA, Pe. A. J., (1981) - Comarca Eclesiástica de Valença do Minho. Antecedentes da Diocese de Viana do Castelo. In *1º Colóquio Galaico- Minhoto*. Vol. I. Ponte de Lima, p.69- 239.
- COSTA, A. J. (1981) - Imagens, Templos e Mosteiros de S. Bento na Terra de Valdevez. *Terra de Val de Vez*. Boletim da GEPA. Arcos de Valdevez. N.º3 - IIº Semestre, p.5-42
- DIAS, Geraldo J.A. Coelho *et alli*, [s/d] *Cister no Vale do Douro*. Grupo de Estudos de História da Viticultura Duriense e do Vinho do Porto. Porto: Edições Afrontamento, p.23

